

## Testemunho de fé

Ana Cláudia Holanda

Quinta é dia de feira livre no meu bairro, geralmente vou até lá comprar um pastel para o almoço e uma tapioca com coco para a semana, pelo menos. Naquela oportunidade, quando me aproximei da costureira barraca de tapioca, encontrei dois dos feirantes se queixando e apontando na direção de dois passantes. Eles diziam: “olha lá, cara!”, “você viu ali a safadeza”. Logo me dei conta de que eles se referiam a um casal de homens que se distanciava sem dar ouvidos. Quem reparasse na cena perceberia que os dois se engajavam nas mais baixas vibrações. Acima de suas cabeças, pairavam nuvens pesadas de energias bastante negativas. Claramente, um deles estava mais engajado no julgamento, enquanto o outro ouvia, mas parecia suscetível às ideias que o primeiro lhe apresentava. Observei a cena por alguns segundos, enquanto me perguntava se valia a pena engajar em algum tipo de debate. Mas acometida pela paixão redescoberta recentemente pela história e ensinamentos de Jesus, eu me prontifiquei: “em nome de Jesus, eu vou convidar esse debate”. Me aproximei dos feirantes e interpelei: “deixa a galera ser feliz, cara!”. Falei com alguma seriedade.

O feirante mais engajado ficou um pouco surpreso e me respondeu: “você acha certo isso daí?”. Eu respondi: “Não acho só certo não, acho bonito também”. Ele repetiu incrédulo: “Você acha certo isso daí?”. Eu novamente: “Eu não acho só certo não, eu acho bonito também”. Ele se enfureceu e me convocou: “Venha aqui!”. Eu me intimidei por um momento, mas relembrei o compromisso: “em nome de Jesus!”. Fui até ele. Ele assumiu um tom muito sério, como se quisesse me “ensinar algumas coisas” e me interrogou: “você acha que Deus permite isso aí?” Eu olhei para os homens que se afastavam, virei de volta para e respondi: “acho que sim, né? Se Deus não permitisse, não existiria”. Ele ficou um pouco mais irritado e me deu uma pequena palestra sobre

o homem e a mulher, as leis de Deus, Adão e Ivo<sup>1</sup> e outras teorias de religiosismo. Eu ouvi toda aquela velha ladainha e quando ele terminou a “pregação”, eu lhe respondi somente: “Olha só, eu sou crente, eu sou evangélica, e eu vou orar para Jesus tocar o seu coração para a alegria das pessoas”. Ele ficou completamente sem reação. Mudo. Não conseguia formular uma frase sequer. Ele me olhava em silêncio, incrédulo por eu lhe ter respondido que oraria por ele e para que Jesus tocasse o seu coração. Ainda boquiaberto, ele foi interpelado pelo outro feirante, o ouvinte, que lhe disse: “É cara, deixa a galera ser feliz”. Eu aproveitei a minha deixa e retornei ao fluxo dos pedestres da feira.

### **A doutrina do amor ou do julgamento?**

A cena que eu vivi na feira naquela semana me lembrou o texto de Deleuze “Nietzsche e São Paulo, D. H. Lawrence e João de Patmos”. Nele, Deleuze nos fala de “duas regiões da alma”<sup>2</sup> completamente distintas. Essas duas regiões são divididas de forma a colocar de um lado Nietzsche e D. H. Lawrence e do outro São Paulo e João de Patmos. Muitas diferenças marcam essas regiões da alma, mas há uma nesse texto que é muito interessante para refletir sobre a cena descrita acima, a que enfatiza a mensagem de Jesus – na forma como ela é compreendida no *Anticristo* de Nietzsche e na leitura de D. H. Lawrence<sup>3</sup> – como marcada pela mensagem do amor e de sua potência criativa, enquanto a mensagem de São Paulo e de João de Patmos é fortemente influenciada por uma preocupação com o poder e com o julgamento.

Para Deleuze<sup>4</sup>, não há muitas semelhanças entre o primeiro e o segundo Cristo. O primeiro aparece em Nietzsche como uma figura doce e preocupada com o caminho da salvação pessoal. Como alguém muito concentrado em transmitir aos seus discípulos uma mensagem de amor, de perdão e de cura. Essa figura mais meditativa, muito se-

1 A expressão Adão e Ivo se refere a comentários homofóbicos comuns alguns ambientes evangélicos. Sobre o preconceito contra relacionamentos homoafetivos, eles comentam que: “Deus fez Adão e Eva e não Adão e Ivo”.

2 Deleuze, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo, SP: Editora 34, 2011, p. 51.

3 cf. Lawrence, D. H. *Apocalipse seguido de o homem que morreu*. São Paulo, SP: Editora Schwarcz, 1990.

4 cf. Deleuze, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo, SP: Editora 34, 2011.

melhante àqueles que se dedicam aos estudos e práticas budistas, em busca de iluminação, é o que encontramos no Anticristo<sup>5</sup>. Talvez não seja novidade para ninguém que o texto de Nietzsche não é uma crítica a figura de Jesus, mas à captura de sua mensagem pelo que havia se tornado o cristianismo na Alemanha, principalmente, a partir da influência do apóstolo São Paulo, mas também de Lutero. O cristianismo havia se transformado em uma religião dedicada à moral e preocupada com um proselitismo universalista cujo único objetivo era propagar uma separação do homem de um mundo considerado natural, em função de uma existência espiritual superior. Não é nada disso que Nietzsche interpreta nos ensinamentos do Messias. Pelo contrário, a representação do Cristo que encontramos neste livro é bastante elogiosa. Ele reconhece a força da mensagem de Jesus, inclusive em sua perspectiva de autoconhecimento e ele denuncia uma distorção na apreensão de sua mensagem principalmente por São João, figura importante na consolidação do catolicismo romano, mas que influenciou também o pensamento religioso dos contemporâneos de Nietzsche. De certa forma, o ensinamento de Jesus indica a busca de um reino fora deste mundo, mas não através de uma separação entre corpo e espírito como depois passou-se a propagar no cristianismo. Ao contrário, ele pregava: eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida. Ou seja, cada um de nós traz em si seu caminho singular e radical de salvação. Dessa forma, Jesus propunha sua salvação mais fora do mundo do poder do Império Romano e dos tiranos sacerdotes do que fora do mundo físico no qual experimentamos a existência. Ao invés disso, encontrava-se à época de Nietzsche – e não é que tenhamos superados isso na contemporaneidade! – a substituição deste ensinamento por uma pregação sobre uma moral coletiva que levaria à desconexão com o corpo e a busca por uma relação com o símbolo e com a imagem dissociada de qualquer afeto físico que não o provocado pela ascese espiritual proposta por algumas igrejas.

O Cristo de Lawrence não é exatamente o mesmo de Nietzsche, mas há entre eles algumas semelhanças. De certa forma, o Cristo de Lawrence é ainda mais radical, à medida em que a ficção extrapola a interpretação de Nietzsche sobre a figura histórica e projeta o que

5 Nietzsche, F. O Anticristo. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2016.

poderia ser a vida de Jesus após a ressurreição. Diferentemente do relato bíblico, no romance de Lawrence, após concluir sua missão espiritual pública, Jesus teria sobrevivido à morte mas não teria subido aos céus imediatamente. Ao se perceber vivo e livre do peso da responsabilidade pelos seus discípulos e pela dimensão coletiva de sua missão, ele se refugia na casa de um camponês e, em um breve debate, explica a Maria Madalena que irá se permitir viver uma “própria vida individual”<sup>6</sup>. Ele faz um discurso sobre a sorte de ter sobrevivido à própria morte e missão. Madalena, com dificuldade de aceitar a escolha do cristo renascido, ainda tenta pedir-lhe que retorne para os seus discípulos que o amam, mas ele se recusa. De forma veemente e aliviada ele rejeita o triunfo e qualquer tipo de reconhecimento público que lhe poderia ser desejado.

De qualquer maneira, os dois Cristos destacados por Deleuze como representantes dessa primeira região da alma têm em comum essa maior preocupação maior com a salvação individual. Com a diferença que, no caso de Lawrence, isso seria uma escolha ainda mais ardente, à medida em que após salvar-se da morte, Jesus faz a escolha de ocupar-se de si. Quase como alguém que se aposenta de uma função para nunca mais passar sequer na porta do antigo trabalho.

A segunda região é marcada, nesse sentido, por uma ocupação bastante diversa. Nas interpretações de São Paulo e João de Patmos<sup>7</sup>, Jesus é um homem completamente diferente. A oposição com São Paulo também está no Anticristo. Nietzsche atribui a ele o deslocamento da doutrina do amor proposta por Jesus para uma doutrina do julgamento. Ao invés da busca individual, todo um código de conduta moral dirigida ao juízo final. Diversamente à mensagem que Nietzsche encontra no Cristo, de iluminação e de busca interior por um caminho de salvação da própria alma, em São Paulo ele encontra a obsessão com a imortalidade e com o martírio de Jesus. Para Deleuze, isso determina uma diferença importante no teor ético da mensagem e, conseqüentemente na prática religiosa decorrente dela. Enquanto a mensagem do amor é construída com foco no indivíduo, mas é uma resistência a qualquer tipo de utopia coletiva, a doutrina do julgamento tem uma perspectiva

<sup>6</sup> Lawrence, D. H. *Apocalipse seguido de o homem que morreu*. São Paulo, SP: Editora Schwarcz, 1990, p. 136.

<sup>7</sup> cf. Deleuze, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo, SP: Editora 34, 2011.

muito mais idealista e menos vital, mas contempla uma preocupação com a alma coletiva.

Esse é o ponto de inflexão inevitável do texto de Deleuze, é o maior apelo que ele atribui à essa segunda região. Ele considera que a dedicação de Jesus a ensinar seus discípulos a buscar a salvação dentro de si mesmos através do amor teria sido umas das razões, por exemplo, da traição de Judas. O discípulo teria se revoltado contra o Messias que não oferecia resistência ao poder mundano, naquele momento representado pelo Império Romano. Através de suas parábolas, Jesus ensinava a resistir ao poder através de uma convicção singular na lei de Deus, mas não organizava seus discípulos para enfrentar o poder, ou melhor, para tomá-lo. O Cristo de São Paulo é muito mais preocupado com a construção do reino de Deus no horizonte do Juízo Final. Logo, não possui qualquer semelhança com a figura meditativa e aristocrática que Nietzsche interpreta no cristo dos evangelhos, mas de forma ainda mais inconciliável, não possui qualquer semelhança com o Jesus de Lawrence. É difícil até imaginar o profeta que comemorou sua libertação da missão após sobreviver à morte de volta à cruz para reforçar uma mensagem de resistência à tirania romana. Para alguém preocupado com a iluminação e o caminho da salvação individual, a morte não é castigo, mas libertação.

Os Cristos de Lawrence e Nietzsche possuem menos ainda qualquer semelhança com cordeiro renascido de João de Patmos. Na ficção do profeta do apocalipse, ao invés de sair em peregrinação em busca de algum tipo de vida individual, o Messias retornaria em júbilo com seus exércitos divinos para punir os infiéis e estabelecer o reino de Deus na terra, mas não através do perdão e sim do juízo. No Apocalipse as imagens são de guerra, de vitória. Há o som de trombetas, o romper dos selos e o triunfo do bem sobre o mal. É desafiador imaginar o Jesus de Lawrence no meio dessa bagunça toda.

Sob o pretexto de defender algum tipo de cristianismo, de evangelismo, ou de moral cristã, os feirantes que eu descrevi acima estavam ocupados principalmente de julgar. Eles apontavam dedos, criticavam e discriminavam o casal. Nessa atitude, os feirantes entravam em conflito com importantes ensinamentos de Jesus, reproduzidos em alguns evangelhos: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e à medida que usarem, também será usada para medir vocês” (Mateus, 7: 1-2); “Irmãos,

não falem mal uns dos outros. Quem fala contra o seu irmão ou julga o seu irmão fala contra a Lei e a julga. Quando você julga a Lei, não a está cumprindo, mas está agindo como juiz. Há apenas um Legislador e Juiz, aquele que pode salvar e destruir. Mas quem é você para julgar o seu próximo?” (Tiago, 4:11-12). Como é possível que a mensagem tão clara sobre o julgamento presente nos evangelhos tenha sido tão fortemente distorcida para gerar uma compreensão desse tipo de atitude dos feirantes como algo apazível a Deus? Deleuze<sup>8</sup> apresenta as interpretações de São Paulo e João de Patmos como decisivas na guinada na religião que permite que o feirante mais odiento se considere um defensor da fé cristã. Enquanto Deleuze nos apresenta as perspectivas de Nietzsche e de D. H. Lawrence como acessos possíveis a essa figura do Cristo como o propagador de ensinamentos sobre a importância da busca pessoal, do amor e do perdão; ele nos atenta para os efeitos nocivos da virada política representada por São Paulo. O apóstolo romano: “manteve Cristo na cruz, reconduzindo-o a ela incessantemente, fazendo-o ressuscitar, deslocando todo o centro de gravidade para a vida eterna, inventando um novo tipo de sacerdote ainda mais terrível do que os anteriores”<sup>9</sup>. Toda a prática de auto determinação inaugurada por Jesus com o objetivo, entre outros, de agir sobre o poder dos sacerdotes fariseus é novamente capturada por uma promessa de reparação que se ritualizará no Juízo Final. Ou seja, no lugar da prática de resistência em atos e discurso que Jesus apresentou como alternativa à submissão à injustiça exercida pelos sacerdotes e governantes, um teatro de fantasmas do acerto de contas moral imaginado pelo apóstolo romano. Mas, como nos relembra Deleuze, sob o pretexto de oferecer resistência ativa ao poder e formas de solução coletiva para os conflitos internos advindos do exercício de conciliação entre a determinação individual e os limites colocados pelos poderes estabelecidos. É preciso lembrar que esses feirantes, principalmente o odiento, não criaram esses discursos. Eles reproduzem doutrinas morais construídas coletivamente e vastamente difundidas em igrejas, meios de comunicação e, inclusive, nos fóruns de debates políticos.

8 Idem.

9 Idem, p. 52.



Não é difícil perceber que assim como os cristãos do século XIX denunciados por Nietzsche, os feirantes reproduzem também a doutrina do julgamento de São Paulo. Ocupados em discriminar as condutas de terceiros, eles dificilmente contribuem para materializar o reino de Deus no presente, na realidade. Pelo contrário, ali naquela quinta-feira, eles somente disseminavam ódio e preconceito. Dessa forma, eles ajudavam a produzir tão somente um purgatório terreno de frustração e espera, aos moldes da visão de São Paulo sobre como deveria ser a vida dos seguidores de Cristo.

Não parece difícil perceber que Deleuze ainda considera o caminho da salvação individual como uma doutrina mais interessante, apesar da consideração acerca do descaso com relação à alma coletiva. Certamente, o mais correto é assumir para si uma postura ativa e desimplicada com as questões terrenas, tal como o Buda descrito por Hermann Hesse em *Sidarta*. Contudo, é nesse ponto que ele nos apresenta o desafio colocado à escolha de Jesus pela salvação da alma individual: “Pensava que uma cultura da alma individual bastaria para expulsar os monstros escondidos na alma coletiva. Erro político”<sup>10</sup>. Efetivamente, Jesus não apresentou aos seus discípulos alternativas para o relacionamento com a autoridade a não ser o martírio. Ao sucumbir ao Estado, O Cristo certamente salva sua alma, à medida em que escreve em seus atos a história da resistência e da insubmissão. Mas, com isso, o que ele oferece como utopia é a paz da vida vivida sob a égide de uma ética baseada no amor e na fé no perdão, mesmo que isso signifique a abreviação dessa existência terrena. Uma vez que a história de Jesus, seus significados e ensinamentos tornaram-se uma das mais longevas e conhecidas narrativas.

Ainda assim, Deleuze insiste, Jesus não se ofereceu como líder aos seus apóstolos e discípulos, no que ele se diferenciou profundamente de Moisés. Recusava homenagens, reverências, mas, igualmente: “Deixava que nos virássemos com a alma coletiva, com o César fora de nós ou em nós, com o Poder em nós ou fora de nós”<sup>11</sup>. A essa postura, ele atribui a reação dos seguidores de Jesus de: “renegação, traição,

10 Idem, p. 53.

11 Idem, p.53.

torção, falsificação descarada de sua Nova”<sup>12</sup>.

Dessa forma, é possível ver um outro lado da sedução da mensagem dos falsos profetas que os feirantes parecem seguir. Sim, eles julgam. Mas, dessa forma, eles também decidem, opinam, conduzem seus seguidores em questões difíceis e angustiantes. Oferecem-lhe respostas às perguntas que Jesus nos pedia que respondêssemos individualmente. Com isso, prometem saídas coletivas ao desafiador trabalho de governar a si.

O problema todo é o modelo de governo de si que cada uma dessas alternativas oferece. A solução parece ser tornar-se também um julgador, também um intolerante, às vezes até um autoritário, aos moldes das lideranças que se oferecem como orientações de conduta.

No livro *Eu, robô*<sup>13</sup>, há um conto chamado “Razão”. Nele, curiosamente, o relato é o de um episódio onde os robôs desenvolvem uma religião. O robô Cutie protagoniza a resistência à submissão às explicações existenciais que lhe oferecem as Gregory Powell e Mike Donavan e, a partir disso, organiza um culto ao conversor de energia que ele denomina “Mestre”. Após ser montado na estação espacial, com peças enviadas da Terra, o robô interpela seus interlocutores sobre sua origem e destino, ele pergunta: “Mas de onde venho eu, Powell? Você não explicou minha existência”<sup>14</sup>.

Powell oferece a Cutie a seguinte resposta: “Você é o mais aperfeiçoado tipo de robô já fabricado e, se demonstrar capacidade para controlar independentemente esta estação, nenhum ser humano terá necessidade de vir até aqui”<sup>15</sup>. Apaixonadamente, Cutie rejeita a explicação que considera complicada e implausível. Ofende-se com a argumentação e protesta: “Vou raciocinar e resolverei sozinho o enigma. Até logo”<sup>16</sup>. O robô, Cutie, fabricado para governar a si mesmo, coloca-se à disposição da tarefa, quase que imediatamente após o seu acionamento. Powell e Donavan se irritam e protestam, contudo, o robô havia sido

12 Idem, p.53.

13 Azimov, I. *Eu robô*. São Paulo, SP: Circulo do Livro, 1976.

14 Idem, p.74.

15 Idem, p.74

16 Idem, p.74.



criado para torna-lhes obsoletos e a ferramenta que utilizará para isso será a linguagem. Isso resulta em uma relação tensa, cuja animosidade é crescente ao longo do conto.

Pouco depois, Cutie retorna com suas conclusões: “comecei pela suposição que me senti autorizado a fazer: existo porque penso, logo....”. Powell irrita-se imediatamente: “Por Júpiter! Um Descartes!”<sup>17</sup>. Powell oferece novamente a Cutie a explicação: “Já lhe disse, nós o fabricamos”<sup>18</sup>. Cutie protesta mais uma vez, ele argumenta que a resposta contraria a lógica. Powell, intrigado, ouve do robô que é impossível que ele tenha sido fabricado pelos dois. Justamente eles, seres tão medíocres, moles, flácidos, oxidáveis, finitos. Não fazia sentido! Algo como Cutie não poderia ter sido criado por seres inferiores. Enquanto apresenta suas conclusões, Cutie ri. A raiva de Powell não representa para ele qualquer tipo de ameaça. O robô está tranquilo, sustentado por sua lógica pessoal.

A argumentação de Cutie começa a irritar também Donavan, que pergunta então pela alternativa à versão deles. Quem então Cutie supunha que o havia criado? Ele acata a questão e devolve didaticamente: “Muito bem, Donavan. Essa era exatamente a questão seguinte. Evidentemente, meu criador tem que ser mais poderoso que eu; portanto, só existe uma única possibilidade”<sup>19</sup>. Os dois escutam o robô em choque e ele continua: “Qual é o centro de atividade aqui na estação? A quem todos nós servimos? O que absorve toda a nossa atenção?”<sup>20</sup>. Apesar de inferiores, Powell e Donavan não encontram dificuldade em deduzir a que o robô está se referindo: “Aposto que esse maluco de lata está falando no conversor de energia”<sup>21</sup>. Ao perguntar ao robô, ele responde somente: “Estou falando no Mestre”<sup>22</sup>. À versão apresentada por Donavan, Cutie oferece uma história alternativa, na qual o conversor de energia havia criado primeiramente os seres mais simples, os humanos,

17 Idem, p.76.

18 Idem, p. 76.

19 Idem, p.78.

20 Idem, p.78.

21 Idem, p.78.

22 Idem, p.78.

que depois foram substituídos pelos robôs em tarefas mais simples e que, finalmente, havia chegado Cutie, para supervisionar o trabalho e aposentar os humanos.

Powell não acredita, ordena a Cutie que reconheça sua subordinação e que os obedeça até que eles consigam averiguar sua capacidade de cuidar do conversor de energia independentemente. Cutie porém já os havia advertido que seguiria somente os desejos do Mestre e, portanto, não reconheceria a autoridade de Powell e Donavan.

Nos dias que seguem, duas coisas chamam a atenção dos tripulantes. Por um lado, o robô parece conduzir tudo com perfeição. Cálculos, decisões, ajustes. Enquanto isso, ao descer até o conversor de energia, para adverti-lo sobre uma tempestade de elétrons, Donavan surpreende Cutie e os outros robôs em uma cena um tanto chocante. Dirigidos ao conversor, eles haviam se posicionado enfileirados e, de repente, todos os robôs deixaram-se cair de joelhos diante de Cutie. Donavan, estupefato, desce correndo até eles e começa a ordenar que se levanten. Eles Resistem e disparam: “O único senhor é o Mestre, e QT-1 é seu único Profeta!”<sup>23</sup>. Ao que Cutie acrescenta: “Temo que meus amigos obedecem agora a alguém superior a você”<sup>24</sup>. Donavan, furioso, protesta contra a tomada de poder pelo robô. Ameaça-o de todas as formas conhecidas e ordena-lhe repetidamente obediência. O robô explica-lhe que havia compartilhado com seus semelhantes a “verdade” e que, por isso, agora tratavam-lhe por profeta. Donavan ordena que o “culto” seja interrompido imediatamente. Ao que Cutie responde somente: “Sinto muito, Donavan (...). Mas não poderá permanecer aqui, depois disso. De agora em diante, você e Powell estão proibidos de entrar na sala de controle e na sala do motor”<sup>25</sup>.

A partir desse conflito, o robô restringe a circulação dos tripulantes, enquanto ainda assegura seu bem-estar, segurança e alimentação. Sobre as questões em torno da existência da Terra e das explicações existenciais sobre os robôs, Cutie segue rejeitando-lhes. Toma-lhes por ilusões de ótica e crenças impossíveis de ser explicadas pela razão. A

23 Idem, p. 81.

24 Idem, p. 81.

25 Idem, p. 82.

objeção segue em torno da inferioridade dos seres descritos, em comparação aos robôs e ao Mestre. Com isso, Cutie, efetivamente, aposenta os tripulantes de suas funções.

Apesar do medo que acomete os dois, passados alguns dias, eles são soltos do isolamento, justamente passada a tempestade e chegada a termo a missão de Powell e Donavan. Ao terem sua liberdade restituída, eles dão-se conta de que, sim, apesar do método radical, o robô havia dado conta de governar a si, aos seus companheiros e conduzir a estação até melhor do que os dois haviam conseguido até então. Aliviados, os dois deixam então a estação ao serem substituídos por outros dois tripulantes. Ao serem interrogados sobre a eficácia de Cutie, confirmam sem dar maiores detalhes sobre as crenças religiosas do robô. Deixam que os outros dois tirem suas próprias conclusões e, também, encontrem sua própria forma de relação com o Mestre, seu Profeta e seus discípulos.

O conto é interessante de várias maneiras. Primeiramente, ao trazer o limite do recurso da razão para dar conta de imperativos muito maiores, como, por exemplo, o de governar-se a si. O que rapidamente se torna evidente, é que ambas as discussões lógicas não são capazes de se sobrepor. Cada um dos debatedores está amparado em sua verdade. Ambas são bem argumentadas e corretas logicamente. É claro que há furos em ambos discursos, porém para cada um dos lados, o furo está do outro. De um lado, o equívoco se coloca diante da possibilidade de encontrar um ser superior que estaria ocupado do sentido da vida daqueles robôs, do outro, está a fé na superioridade da raça humana. Ambas as premissas são falsas. O sentido da existência dos robôs é a sobrevivência da raça da humana que os desenvolveu, contudo, a raça humana não lhes é superior e, sim, em sua desmedida ambição, tornou-se dependente de um conversor de energia, em uma estação espacial governada inteiramente por robôs.

Contudo, o aspecto que mais interessa é a maneira como o conto demonstra o sutil limite entre o governo de si e a tirania. Mas a que serve toda essa argumentação sobre a lógica diante do debate sobre a experiências com os feirantes? De certa forma, o que se deu no primeiro momento da minha discussão com os feirantes foi uma disputa ao nível da lógica. O que ele me apresentava era uma demonstração de seus argumentos amparado em conhecimentos, em uma elevada capacidade de raciocínio que lhe é oferecida pelo recurso à consciência. O

enganoso mecanismo de apreensão da realidade a partir da postulação de argumentos lógicos. Em um primeiro momento, o que eu lhe ofereci foi a contradição de seus argumentos. Apesar de isso me oferecer satisfação, foi também o motivo da escalada da tensão no nosso debate. Não por acaso, eu gradativamente me sentia mais ameaçada. À medida que a lógica falhava no debate, o que se apresentavam eram os afetos. No caso dele, de raiva, de frustração e contrariedade. Ao que me parece, ele se sentia cada vez mais inclinado a se impor física e discursivamente sobre mim.

A mudança surgiu somente quando eu então decidi expor-lhe o meu afeto. Emocionada pela mensagem de Jesus e por um sentimento de amor que me visitava naquela ocasião, foi isso que eu lhe ofereci. Para alguém que conhece o meio evangélico, não há nada mais generoso do que dedicar a alguém um espaço em suas orações. Na minha resposta final, o que lhe apresentei foi uma fala muito sincera sobre o desejo de que Jesus, em sua coragem e mensagem lhe tocasse o coração. Não eu, que não desejava morrer ali naquela quinta-feira sob a ameaça do ódio do feirante. Mas alguém que se tornou o grande símbolo da possibilidade de morrer para a vida para nascer para o amor. Ainda que me soe mais interessante, afinal, a perspectiva de Lawrence, de que a morte de Jesus pudesse ter sido também simbólica e que ele pudesse, ao se aposentar de tão ingrata missão, ainda ter a possibilidade de seguir sua busca individual.

Apesar do paradigma dominante dentro do cristianismo ainda parecer ser o da doutrina do julgamento, acredito que é possível se animar na possibilidade de que a doutrina do amor siga viva e potente.

Ana Cláudia Holanda é Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP.